

Mocidade Cristã

Ano XVIII

Janeiro a Março de 1956

Número 70

O Sangue de Jesus Cristo

O Dr. Guthrie era um grande pregador da Igreja Presbiteriana da Escócia. No primeiro período do seu ministério pregava eloqüentemente contra os vícios e pecados de seu tempo. Denunciava as transgressões dos mandamentos de Deus perante sua congregação, a maior parte da qual era religiosa. Confessou que durante aquêle tempo não fizera ninguém moral. Então converteu-se e pregou o Evangelho, e muitos foram convertidos e suas vidas transformadas, sendo muita gente assim moralizada. Contamos, a seguir, um incidente na vida dêste servo de Deus.

Voltava certa noite, muita escura, duma reunião realizada num lugar distante alguns kilometros da sua morada. Ia a cavalo, mas no caminho foi surpreendido por denso nevoeiro, de forma que não podia descobrir o caminho. Deixou então cair as rédeas sobre o pescoço do cavalo e pediu a Deus que dirigisse o animal. Passado algum tempo, pareceu-lhe que o cavalo estava passando por cima de um caminho calçado e entrando no pátio de alguma casa no campo. Dali, a uns minutos, viu diante de si a luz que saia de duas janelas de uma casa, uma no andar térreo, e a outra no primeiro andar. O doutor apeiou-se, bateu à porta que lhe foi aberta por uma moça a quem explicou o motivo da sua chegada ali a uma hora tão adiantada, e pediu que lhe concedesse licença para pôr seu cavalo na cocheira e passar a noite ao pé da lareira. De boa vontade atenderam ao seu pedido.

Dali a uns minutos achou-se confortavelmente sentado junto do lume.

Passado, porém, pouco tempo, começou a ouvir passos num dos quartos do primeiro andar da casa, e pôs-se a pensar que estaria passando lá em cima. Mais alguns minutos e ouviu passos na escada e pôde ainda ver um padre que ia saindo.

Depois de a moça ter fechado a porta, o Dr. Guthrie perguntou-lhe se havia algum doente lá em cima. «Sim» respondeu, «é minha mãe que está a morrer e o padre acaba de lhe administrar os sacramentos da igreja.» «Posso ver a sua mãe?» perguntou o dr. Guthrie. «Oh, não serve de nada», respondeu a filha, «porque ela já não pode compreender o que se lhe diz.» O doutor tornou a pedir que lhe permitisse ver a moribunda e, por fim, a moça cedeu.

Subindo ambos ao quarto da senhora se aproximaram do leito. Uma vez ali, o doutor repetiu em voz clara e distinta estas doces palavras que têm levado o conforto e a consolação a tantos corações: «O sangue de Jesus Cristo, o Filho de Deus, nos purifica de todo o pecado» (1 João1:7). A moribunda, ao ouvir tais palavras, virou um pouco a cabeça como se estivesse ouvindo alguma coisa que lhe despertara o maior interesse. Outra vez Dr. Guthrie repetiu as mesmas palavras, compassadamente e com clareza: «O sangue de Jesus Cristo, o Filho de Deus, nos purifica de todo o pecado». Virando ainda mais a cabeça, e com o rosto iluminado por um belo sorriso, a moribunda exclamou: «Oh, graças a Deus, Agora posso morrer em paz! Mas

porque não m'o disse êle (o padre)?» Dali a pouco e enquanto ela ainda repetia: «Agora posso morrer em paz», o seu espírito remido e feliz, voou para a presença d'Aquêle cujo precioso sangue derramado no Calvário constitue a base de redenção do pecador.

Nossos Hinos

O primeiro trem puxado por locomotiva, levando passageiros, correu no ano de 1825, no norte da Inglaterra. Antes desta data, as viagens eram feitas em coches puxados por quatro cavalos.

Há duzentos anos, uma senhora viajava num coche no banco exterior, lendo um livro que apreciava tanto que, virando para seu companheiro, um cavalheiro desconhecido, chamou sua atenção para os versos dum hino, que ela lia no livro. O homem não mostrou interêsse na leitura, mas a senhora fez outra tentativa a fim de interessar seu companheiro, dizendo que apreciava o hino. Em vez de responder o cavalheiro derramou lágrimas e, quando podia explicar o porquê, disse: «Minha senhora, eu sou o homem infeliz que escreveu o hino, há muitos anos. Daria mil mundos, se pudesse gozar mais uma vez os sentimentos que então possuía.»

O viajante era Roberto Robinson, outrora pastor batista. Não tomou o conselho do Apóstolo Paulo em 1 Cor. 9:27, e foi «reprovado». Nunca foi restaurado durante a vida para «gozar mais uma vez êsses sentimentos» expressados tão lindamente em seu hino. E' traduzido em S&H 431, e no Hinário Evangélico 65. Há outra tradução em H&C, número 634. Outro hino deste escritor é o 555 em H&C. Eis uma tradução de Ricardo Holden, da primeira estrofe:

Resplendor da eterna glória!
Exultamos em louvar —
Em contar a santa história
De Quem veio aos maus salvar.
Do celeste trono veio,
No Calvário aniquilou
Nosso mal, assim do inferno
E da morte triunfou,

Sendo a metrificação 8,7. há muitas músicas. Uma linda música foi composta especialmente para êste hino pelo Sr. E. P. Ellis.

Um número recente da revista «A Voz Missionária» contém a tradução do hino mencionado na história citada, incluindo música, e menciona que o original foi escrito por Robert Robinson.

Estudos Sobre a Primeira Epistola aos Coríntios

Neste capítulo o Apóstolo emprega duas figuras. A primeira é a dos lavradores. Cada servo tem um serviço na lavoura do Senhor. Êle tem de fazer seu serviço, sem criticar os outros servos e com todo o coração, como se tudo dependesse dos seus esforços, mas sabendo que o resultado depende do Senhor.

A segunda figura é a de um edificio que os servos constroem. O fundamento é Cristo, mas os servos são considerados responsáveis quanto ao material, que empregam. Dos materiais mencionados há três que resistem o fogo; representação do juizo de Senhor no DIA em que tudo será provado. Quem construir com êsses materiais será recompensado. Há três espécies que serão queimadas. Representam o serviço do crente, o qual será perdido.

OURO, PRATA e PEDRAS PRECIOSAS.

Ouro representa atributo divino, a gloria ou a justiça de Deus. O ser-

viço que têm este aspecto, receberá galardão.

Prata. representa a redenção no V.T. Podemos considerá-la como serviço ligado com a redenção e o Redentor, isto é a evangelização. Receberá recompensa.

Pedras preciosas. Podemos considerá-las como virtudes cristãs, os frutos do Espírito: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Todas as virtudes que eram manifestadas perfeita e plenamente no Senhor Jesus.

Madeira. No V. T. é figura da humanidade. O crente pode passar sua vida em prestar serviço para agradar aos homens. Bem pintado, um edifício de madeira tem boa aparência aos olhos dos homens, mas pode ser destruído com o fogo.

O **feno** representa material pouco durável. Queima facilmente. É comida do gado.

A **palha** serve somente para queimar.

O Juízo

O juízo cairá sobre a obra do crente, não sobre sua pessoa, porque ele é edificado sobre a Rocha, Cristo. Damos uma ilustração. No mesmo dia e na mesma cidade havia dois julgamentos, (1) Um criminoso foi julgado e condenado. (2) Houve uma exposição também. Os fazendeiros trouxeram seus produtos. Os fazendeiros não foram julgados, mas suas obras. Alguns ganharam prêmios, outros perderam seu tempo. Assim, o crente não entrará em juízo como o criminoso mas seu serviço será julgado.

Os versículos 16 e 17 empregam outra figura. Os crentes coletivamente (isto é a igreja) são considerados como um templo, onde habita o

Espírito Santo. O aviso é contra as pessoas que corrompem a Igreja com doutrinas ou práticas contra a Palavra de Deus. O versículo 17 seria mais bem traduzido assim: «Se alguém corromper o Templo de Deus, Deus o destruirá». No grego é a mesma palavra para corromper e destruir. É pecado muito grave introduzir na Igreja de Deus, doutrinas falsas ou negar a autoridade da Palavra de Deus, ou costumes e conduta que Deus não aprova.

A História duma Bíblia

No Brasil a árvore «Fruta-pão» é bem conhecida e, provavelmente, os leitores tenham provado o fruto. Nossa história é o resultado do interesse neste fruto despertado na Inglaterra há 170 anos. Um célebre navegador, o Capitão James Cook, durante suas viagens no Oceano Pacífico, visitou a ilha de Tahiti, onde fruta-pão era a comida principal dos nativos. Naqueles dias havia uma falta de mantimentos nas Índias Ocidentais, especialmente em Jamaica, uma colônia inglesa. As autoridades, ouvindo desta árvore tão produtiva, julgava que seria de muita vantagem trazer mudas de Tahiti e cultivar o fruto em Jamaica. Um dos oficiais que acompanhou o Capitão Cook era Tenente Bligh (pronunciado «Blai»). Por esta razão foi escolhido como capitão dum navio chamado «Bounty», e enviado a Tahiti com instruções de trazer tantas mudas possíveis, e transportá-las a Jamaica. Capitão Cook fora muito respeitado pelos marinheiros e amados pelos nativos de Tahiti, embora selvagens. Naqueles dias os missionários não tinham evangelizado as muitas ilhas do Pacífico, entre as quais prevaleciam canibalismo e costumes cruéis. Um dos primeiros missionários, João Williams, depois de

evangelizar certas ilhas, foi a outra, onde foi morto e comido pelos nativos, por quem teria sacrificado sua vida de boa vontade para salvar suas almas. O Capitão Cook, também, sofreu a mesma sorte numa ilha onde não foi conhecido. Durante a última guerra um soldado americano em uma destas ilhas, agora evangelizada, zombava da Bíblia na presença dos nativos. Respondeu um deles, se a Bíblia não tivesse chegado na ilha, o soldado teria servido para fazer-lhes uma boa festa. Na ilha de Tahiti, o povo mostrou muita amizade para com os ingleses, provavelmente devido às boas relações do Capitão Cook com o chefe e os nativos em geral.

O capitão do Bounty, Bligh, era de outro tipo, sendo duro e brutal, embora homem de capacidade e coragem. Na viagem a Tahiti, que durou nove meses, os marinheiros sofreram muitas privações. Para chegar no Pacífico naqueles dias, era necessário passar pelo sul da África ou da América, pois os canais Suez e Panama não foram construídos até o século passado. Bligh mandou chicotear qualquer marinheiro que queixasse, e insultou seus oficiais, chamando o Tenente Fletcher Christian de ladrão.

Chegando a Tahiti, todos gozaram a hospitalidade dos nativos e fartura de comida. Levou seis meses para juntar bastante mudas de fruta-pão e então partiram da ilha em regresso. Infelizmente, Bligh continuou com a tirania, insultando seu tenente Christian tanto que ele resolveu amotinar-se com o auxílio dos marinheiros descontentes. Uma manhã, o capitão Bligh foi prêso, pelas ordens do tenente Christian. Foi posto na lancha com mais 19 marinheiros com suprimento de comida, água e instrumentos de navegação. Bligh era um bom navegador, e apesar dos perigos do

mar, e selvagens, chegou numa colônia holandesa. Perderam um homem mas os outros chegaram, parecendo como esqueletos, depois duma viagem de mais que mil léguas. Da Batávia acharam um navio que levou todos à Inglaterra, onde relataram suas aventuras. As autoridades navais imediatamente enviaram um navio chamado Pandora, para procurar os amotinadores.

O navio, Bounty, depois de despedir o capitão Bligh, voltou à ilha de Tahiti, onde fabricaram uma história para satisfazer os nativos e seu chefe como motivo para regressarem. Havia 25 homens, incluindo o tenente Fletcher Christian, três alferes, chamados Young, Stewart e Peter Heywood. Christian, porém, bem sabia que quando o capitão Bligh chegasse na Inglaterra, o Governo mandaria um navio para prendê-los e a pena seria a fôrça. Por isso, resolveu procurar uma ilha que fôra descoberta há pouco, chamado Pitcairn. Levou oito dos seus patrícios, incluindo Young, para ajudar na navegação, com 8 homens e 12 mulheres de Tahiti. Pitcairn não estava no lugar marcado no mapa, e é uma ilha pequena, cercada de um recife de coral, como são as demais ilhas do Pacífico. Felizmente, Christian chegou com o navio, e passando o recife, tiraram tudo de valor e incendiou o resto, para não deixar sinal. Ao lugar deram o nome «Bounty Bay» (Baía de Bounty). Deixemos este povo em Pitcairn enquanto voltamos ao navio Pandora.

Chegou a Tahiti, e prenderam todos os amotinadores que ali ficavam. Stewart tinha mulher (da ilha) e criança. Ao separar-se de Stewart, ela morreu de coração quebrantado. O capitão do Pandora, Edwards, era do mesmo tipo como Bligh, cruel e brutal. Os amotinadores foram acor-

rentados, e prêso num grande caixote, e não permitidos a sair para fazer exercício. O navio naufragou-se, e quando estava afundando, o capitão deixou os cativos acorrentados no caixote, sem dar ordens para soltá-los. Todos teriam morrido, se o homem que tinha as chaves não as entregasse aos prisioneiros, e outro que os ajudou a sair. Alguns tiraram suas correntes, incluindo Peter Heywood, que salvaram a vida nadando. Um marinheiro nadava acorrentado, e os dois foram salvos por um barco. Stewart e mais seis morreram afogados. O capitão continuou com a mesma crueldade até chegarem na Inglaterra. Ali nove foram levados prisioneiros perante um tribunal de justiça. Três foram exonerados, e seis condenados a morrer. Destes, três foram perdoados, um sendo Peter Heywood, o alferes mais novo. Era rapaz cristão, e suas cartas escritas às suas piedosas mãe e irmã, mostram coragem cristã no meio de seu sofrimento e injustiça, pois foi condenado por falso testemunho da parte de Bligh e outro oficial. Três marinheiros foram enforcados, confessando a justiça da sua sorte. Peter Heywood entrou na armada outra vez, e seguiu uma carreira distinta, sendo promovido a capitão.

Agora devemos voltar a Pitcairn, onde está o interesse principal da nossa história.

Christian e seus marinheiros dividiram as coisas do Bounty, e o terreno, sem pensar nos nativos de Tahiti que os acompanharam, sendo tratados como servos, pois naqueles dias a escravatura era comum. Mas os nativos revoltaram, e resolveram matar todos os ingleses. Christian foi assassinado primeiro, e então outros três marinheiros e um, João Adams, foi ferido. Em defesa os ingleses mataram os nativos. As mulheres que-

riam fugir mas não podiam. Um marinheiro descobriu um método de preparar uma espécie de aguardente. Depois, ele e um companheiro ficavam constantemente embriagados. Um caiu e foi morto, outro enloqueceu e ameaçou a vida dos dois que ficaram, Young, e Adams. Estes em defesa, mataram o homem enloquecido. Young, que era homem amável, começou uma reforma. Possuía uma Bíblia que veio do navio e leu com Adams e depois foi lida de manhã e à tarde às mulheres e crianças. Young que sofria de asma, morreu, deixando João Adams como chefe da ilha. Pela leitura da Bíblia, Adams foi convertido, e resolveu fazer uma reforma completa. Ensinava às crianças (umas 19 delas) a ler, dirigia culto todos os sábados, pois no princípio, confundia o Velho e Novo Testamentos. Era professor, pastor e juiz. Ensinou todos a dizer graças antes e depois das refeições, a falar a verdade e a ser honestos.

Passaram muitos anos assim, e um navio inglês apareceu. No princípio o povo tinha medo que o capitão prendesse seu chefe, Adams. Felizmente os capitães que vieram de vez em quando, era bem diferentes de tais como Bligh e Edwards. Ajudaram todo possível, mostrando bondade e interesse pelo povo da ilha. Um perdão foi trazido para Adams. Um oficial da armada, um cristão, lendo do povo de Pitcairn, resolveu ir para lá e morar entre esta comunidade. Assim foi, e sendo bem educado tornou-se professor e pastor quando Adams envelheceu e morreu. Era considerada uma comunidade modelo, e mais tarde a Rainha Vitória mostrou muito interesse no bem-estar do povo, e enviou um órgão para sua Casa de Oração e um retrato dela.

Quando um navio apareceu na baía, os moços apanharam frutos e leva-

ram tudo em seus botes para vender ou trocar por vestidos velhos que os marinheiros trouxeram. Antes de visitar a ilha, os marinheiros dos navios foram todos avisados que de modo algum, deveriam tomar qualquer vantagem do povo, homem ou mulher porque eram tão honestos e simples que seria fácil enganá-los.

Sr. Jorge Howes quando rapaz visitou a ilha no navio de seu pai e contou que um marinheiro cristão foi convidado para pregar na Casa de Oração ali.

Assim uma Bíblia em Pitcairn, transformou tudo. Havia ódios, assassinios, crueldade, embriaguez, opressão e terror. Dos 16 homens, 14 morreram uma morte violenta. A Bíblia transformou a ilha numa comunidade onde reinava tranqüilidade, piedade, honestidade, amor, contentamento, e o temor de Deus. O instrumento humano era homem de pouca educação, outrora criminoso, culpado do sangue do seu semelhante, mas convertido a Deus por meio da Palavra, servia ao Senhor até ao fim da vida, deixando um povo exemplar de vida cristã.

Grata Notícia

O Sr. Alberto Storrie escreveu esta narrativa da conversão de uma moça que se deu durante as reuniões em Harringay (Londres) que ele assistiu no ano passado quando o Sr. Billy Graham pregava o Evangelho.

A minha vida até o mês de Abril não tinha lugar nenhum para a causa de Deus. Vivía somente para os prazeres dêste mundo. Tendo boa voz, freqüentava as tabernas de Londres, cantando ao microfone, os coros e cânticos populares. Nunca perdera oportunidade de participar de um baile, porque gostava muito de dançar. Em suma, eu me ocupa-

va completamente com as vaidades mundanas.

Certo dia de Abril, minha mãe convidou-me para assistir a uma das grandes reuniões que o célebre evangelista, norte-americano, Billy Graham, dirigia. Eu não queria ir de modo algum. A mãe, porém, me importunou tanto que, para agradar-lhe, consenti em ir mas com o firme propósito de sair da reunião logo depois de começar e sem prestar a menor atenção à pregação. Um vasto auditório de 14 mil pessoas encheu o grande edifício. Tomando lugar na galeria, bem atrás, logo depois de começar a reunião, quizei levantar-me e sair, mas senti-me impossibilitado de assim fazer. Resolvi ficar mais um pouco, esperando sair quando o pregador tivesse concluído seu discurso. Outra vez, senti-me prêsas à cadeira. O pregador começou a fazer o seu apêlo, em linguagem moderada e séria, a todos quantos desejavam ser salvos e entregar-se ao Salvador, que se levantassem e viessem à frente, onde êle estava. Eu não tive a menor idéia de responder ao apêlo. Por fim, disse o evangelista: «Vós que estais lá na galeria distante, estais pensando que é muito longe para vir dali. Lembrai-vos de que o Salvador foi longe para vós, até a Cruz de Calvário». Estas palavras quebraram minha resistência. Levantei-me e comecei a andar na direção do pregador, correndo pelas faces lágrimas de arrependimento. Mesmo no caminho, eu me entreguei ao Senhor Jesus Cristo como meu Salvador.

Agora declaro: Não fui convertida por Billy Graham, mas sim, pelo Salvador Jesus Cristo. Pela Sua graça, espero dedicar o resto da minha vida a Ele e ao Seu serviço, que é perfeita liberdade e alegria. Há pouco tempo fiquei noiva dum jovem

cristão que tem os mesmos desejos espirituais que eu. «Grata notícia, Jesus é meu».

Correspondência

Pergunta 1. Recebemos uma pergunta que pode ser resumida assim: Quando um crente é batizado, é necessário esperar algum tempo para tomar a Santa Ceia?

Resposta. Não podemos estabelecer regra rigorosa. A responsabilidade no caso do batismo é, principalmente, com o candidato, mas o batizador deve saber que é um ato de fé da parte do batizado. No caso de tomar a Santa Ceia, a Igreja local tem a responsabilidade de verificar se o candidato produz «frutos dignos de arrependimento» e se entende a significação e responsabilidade do rito. Geralmente, no caso de pessoas bem conhecidas, não há dificuldade e não é necessário esperar. Há casos excepcionais. Vamos supor que um evangelista batize certas pessoas que professam a conversão durante umas reuniões evangelísticas em outro lugar, e traz todos a uma igreja para serem recebidos à comunhão, sugiria uma dificuldade. Os evangelistas são muito otimistas, especialmente acerca dos seus conversos, mas os irmãos da igreja consideram que ele não tem bom critério no assunto; é bem possível que os candidatos já batizados tenham de esperar um pouco até os irmãos ficarem certos de que todos são crentes genuínos. Há ainda hoje pessoas, como Simão, que enganou o evangelista Filipe. Embora não sejam hipócritas, há outros que enganam a si mesmos. Temos encontrado pessoas que resolvem «seguir o Evangelho», ou resolvem ser crentes, mas não são convertidos. O moço que «resolve ser médico», não é médico por causa de sua resolução. Ser ba-

tizado, não faz qualquer pessoa crente. «Sem fé é impossível agradar a Deus». A mesma fé é necessária para o batismo como para a Santa Ceia, mas o primeiro rito é de natureza individual.

Pergunta 2. Recebemos um pedido para enviar uma «Carta de Transferência».

Resposta. (Uma carta) Recebi uma carta de Sr X pedindo uma «Carta de Transferência para o irmão, da igreja daqui para a igreja daí. Dissemos a Sr X que não sabemos o que é uma carta de transferência. Já demos ao irmão uma carta de recomendação, que é suficiente e bíblica. Aqui seguimos costumes bíblicos, e julgamos que estas invenções humanas são prejudiciais; pois temos provado que uma carta de transferência pode ter este efeito. É baseada sobre uma idéia errada quanto à Igreja.

Pergunta 3. Recebemos pedido de explicação dos versículos 8, 9, e 10 de Mat. 23.

Resposta. O Senhor ensinou a seus discípulos que haviam de tratar uns aos outros como irmãos e que não usassem títulos como «mestre», ou «pai». A igreja romana usa o último título, pois «padre» significa pai em Espanhol. Os protestantes transgredem mais seriamente a instrução do Senhor, porque «reverendo», é um título devido a Deus. Encontre-se o original desta palavra no Salmo 111. O salmista descrevendo a magestade e grandeza de Deus, no versículo 9, diz «santo e reverendo é Seu nome». Também no Salmo 89:7 diz: «Deus deve ser . . . grandemente reverenciado por todos os que O cercam. Reverência significa o temor ou respeito que se deve a Deus.

Depois da Reforma, os ministros da Igreja Anglicana (naqueles dias eram ritualistas) adotaram o título de «reverendo» e, mais tarde, os pasto-

res dissidentes e presbiterianos seguiram seu exemplo. Da Inglaterra o costume passou para as colônias inglesas agora conhecidas como Estados Unidos. Os primeiros missionários que vieram ao Brasil, eram ingleses e norte-americanos. Vieram com a Bíblia e o Evangelho, mas, infelizmente, trouxeram em sua bagagem, coisas que deviam ter deixado em seu próprio país, como por exemplo, nomes sectários e nomes de classes «clerigos e leigos», que o Senhor Jesus e o Apóstolo Paulo procuraram impedir ou corrigir.

Mas nossos leitores, olhando o versículo 9 do Salmo 111, diriam que sua Bíblia (Almeida ou Brasileira) não diz «reverendo» mas «tremendo.» Porque é então, que portugueses e brasileiros não usam o título dado em sua própria Bíblia? Hoje em dia, o nacionalismo exige que tudo seja indígena. Em vez de escrever: «o Reverendo Euclides da Silva» deviam escrever «Tremendo Euclides da Silva», adotando, assim, a forma portuguesa e não um título inglês, importado. Mas seja de forma inglesa ou seja portuguesa, tem dois defeitos (1) transgrede as palavras do Senhor Jesus (2) é atributo e título de Deus. No caso de bispo seria difícil tomar o título «Tremendíssimo» que não seria capaz de atrair as ovelhas de Cristo.

Evidentemente o título «reverendo» achou muito favor no Brasil. É empregado aqui de maneira que, no país onde foi inventado, seria considerado ridículo. Ali, os ministros anglicanos, presbiterianos ou metodistas podem conversar com «leigos» todo o dia, sem uma vez ouvir a palavra «reverendo». É usado em anúncios ou no endereço. No Brasil ouvimos crianças e moços chamando a toda a hora «reverendo, O' reverendo». Há de produzir servilidade da parte do povo, como se vê na Ir-

landa, entre o povo católico, em sua atitude para com os padres.

Sr. Spurgeon, o grande pregador batista escreveu: «um moço que acaba de sair dum seminário teológico, é chamado «reverendo», mas seu venerável pai, que andou 50 anos com Deus não tem direito ao título.» Escreveu também que «reverendo» é título de Deus, e não deve ser dado aos homens. O Senhor Jesus diz: «Vós não queirais ser chamados Rabbi... todos vós sois irmãos.

Pergunta 4. Deve um irmão ser repreendido porque em suas orações, agradece a Deus, o Pai, por ter morrido por nós na Cruz?

Resposta. Não convém o «repreender», mas um irmão, com muito jeito e delicadeza, pode chamar a atenção do irmão a seu erro. Nenhum dos crentes responsáveis de ter contribuído ao ensino do erro deve lançar a primeira pedra. Referimo-nos aos irmãos (e são muitos) que, em suas orações, confundem as Pessoas da Trindade de outra maneira, isto é, empregando o título «Senhor» para o Pai e Filho indiscriminadamente, assim confundindo os ouvintes e, muitas vezes, o orador também. O resultado é que irmãos mais fracos e ignorantes caem num erro pior, confundindo, não somente as Pessoas divinas, mas também Seus atributos e funções. Já temos escrito sobre este erro em M.C., dizendo que nas epístolas Deus o Pai não é chamado «Senhor» em oração cristã, mas o título é reservado para Jesus Cristo.

EXPEDIENTE

«MOCIDADE CRISTÃ» é uma publicação ocasional para promover os interesses dos grupos da mocidade cristã evangélica. Não tem assinantes, pois é mandada gratuitamente aos nossos correspondentes. As despesas da impressão serão feitas por donativos voluntários.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W. Anglin, Caixa 35, CARANGOLA, Minas, Brasil.

Casa Editora Evangélica, Teresópolis, E. do Rio
Editor responsável José Ferreira de Andrade